



ARQUEOLOGIA DE NAZARÉ NOS TEMPOS DE JESUS

Archaeology of Nazareth in the time of Jesus

André Magalhães Coelho*
Universidade Metodista de São Paulo (UMESP)
DOI: 10.29327/256659.16.2-23

DARK, Ken. **Arqueologia de Nazaré nos tempos de Jesus**. São Paulo: Vozes, 2025. 208p.

A obra do professor Ken Dark, do Departamento de Teologia e Estudos Religiosos do *King's College London*, é um marco na pesquisa arqueológica. Este historiador e arqueólogo tem liderado diversas escavações e, neste livro, mergulha no sítio das Irmãs de Nazaré, localizado no coração da cidade ao norte de Israel. Recentes investigações arqueológicas nesta área desvelaram uma construção bizantina que serviu como destino de peregrinações e que é considerada uma das mais significativas igrejas primitivas da Terra Santa, antes tida como “perdida”. Sob o solo, essa igreja abriga vestígios de uma casa do século I d.C., a qual é associada ao lar onde Jesus foi criado por Maria e José.

Nas proximidades das ruínas, uma igreja-caverna do século IV reforça a relevância do local e levanta a intrigante questão: poderia esse ter sido o lar onde Jesus passou sua infância? A presença histórica de Jesus e a arqueologia de Nazaré ampliam nossa compreensão dos evangelhos.

* Doutor em Ciência da Religião pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). Mestre em Ciências da religião pela Universidade Metodista de São Paulo e pós-doutorado pela mesma instituição (UMESP). E-mail: magalhaescoelho@gmail.com.

O autor, em sua obra, ressalta que Nazaré – atualmente uma pequena cidade na região da Galileia, ao norte de Israel – é amplamente reconhecida por ser o local onde, segundo os evangelhos, Jesus Cristo cresceu e viveu no início do primeiro século da era cristã. É razoável imaginar que, por conta disso, muitos arqueólogos tenham se interessado em investigar Nazaré.

No entanto, essa cidade foi consideravelmente negligenciada por esses profissionais entre o início da década de 1970 e o momento em que o autor começou sua jornada na arqueologia, em 2004 (Dark, 2025, p.13).

Este livro foi elaborado com o intuito de esclarecer, após 18 anos de pesquisa, o que sabemos ou o que podemos razoavelmente compreender sobre Nazaré no primeiro século e seu entorno imediato. Quase toda a informação disponível acerca desse tema, além dos evangelhos, provém da arqueologia, o que fundamenta o título da obra.

Para o renomado professor Ken Dark, o livro tem o objetivo de responder às perguntas mais frequentes em relação ao seu trabalho em Nazaré, questões levantadas por pessoas que não estão familiarizadas com a arqueologia. Além disso, esta obra busca desfazer alguns mal-entendidos que surgem, sobretudo, a partir de artigos na imprensa.

Dessa forma, ainda que o livro apresente novas interpretações que podem ser de grande interesse para arqueólogos profissionais e especialistas em estudos bíblicos, seu principal propósito é oferecer a leitores que não estão familiarizados com a arqueologia os resultados de pesquisas que, em sua maioria, foram publicadas em um formato acadêmico. O autor espera que sua obra contribua para uma nova compreensão do que a arqueologia realmente nos revela sobre a Nazaré do primeiro século – a Nazaré de Jesus.

Neste ponto, pode ser pertinente apresentar a estrutura do livro. O capítulo 1 narra a trajetória de como Dark se envolveu com a arqueologia de Nazaré. O capítulo 2 descreve, de forma geral, o que se conhece sobre a arqueologia de Nazaré no primeiro século.

Os capítulos 3 a 5 exploram o intrigante sítio das Irmãs de Nazaré, o foco de seu trabalho na parte central dessa cidade nos dias atuais. É nesse local que se encontra a célebre “Casa de Jesus” – possivelmente uma estrutura doméstica genuína (ou seja, um verdadeiro lar) do primeiro século –, que, desde o século XIX, é considerada o lugar onde Jesus foi criado por Maria e José (Dark, 2025, p.23). O capítulo 3 aborda as escavações realizadas por freiras no

século XIX, um dos exemplos mais primordiais de escavação arqueológica iniciada, conduzida e completada por mulheres. Em seguida, o capítulo 4 relata a busca de um sacerdote católico pela verdade sobre esse sítio, uma jornada que, embora tenha se estendido por toda a sua vida, terminou sem conclusões definitivas.

O capítulo 5 discorre sobre a investigação do sítio das Irmãs de Nazaré, onde o autor aplicou os métodos e conceitos arqueológicos mais contemporâneos. Assim, o arqueólogo se aproxima ao máximo do que se sabe acerca das descobertas realizadas naquele local. Por fim, o capítulo 6 compila todo esse conteúdo com o objetivo de refletir sobre o que realmente se conhece a respeito de Nazaré no primeiro século, considerando sua geografia, como era a vida ali e de que maneira o sítio das Irmãs de Nazaré se insere nesse contexto. O livro se encerra com uma breve discussão sobre as possíveis implicações dessas descobertas para a compreensão dos evangelhos.

O autor menciona em sua obra que, na verdade, ele não foi a Nazaré em busca do vilarejo onde Jesus viveu. Também não esteve na cidade como um “arqueólogo bíblico”, analisando o que as pesquisas arqueológicas podem nos revelar sobre a Bíblia. Para ele, essa subdisciplina praticamente não existe na Grã-Bretanha do século XXI. Dark afirma que, ao contrário, foi a Nazaré para investigar evidências arqueológicas de sua relevância como um centro de peregrinação bizantino. Durante esse trabalho, a descoberta de novos indícios sobre assentamentos do primeiro século o levou a reavaliar completamente a arqueologia de Nazaré nesse período. Assim, tudo se desenrolou.

O autor ressalta que, na sua posição como arqueólogo profissional vinculado a uma universidade, dedicava-se ao estudo de tópicos relacionados ao primeiro milênio da Era Cristã, especialmente no âmbito da Europa e do Oriente Médio. Grande parte de sua pesquisa abordava o que se pode considerar como “secular” (não religioso) – notadamente o colapso do Império Romano, os reinos que surgiram em sua esteira na Europa Ocidental e aqueles que o sucederam na região oriental do Mediterrâneo, como o Estado bizantino.

Uma motivação crucial para investigar essa área foi compreender a dinâmica dos estados e das sociedades ao longo de extensos períodos históricos (Dark, 2025, p. 25).

Para o autor, não há dúvidas de que Nazaré é um dos locais mais renomados do mundo no século XXI. Tanto cristãos quanto não cristãos reconhecem sua existência, mesmo que seja

apenas pela expressão "Jesus de Nazaré", um dos nomes alternativos para Jesus Cristo. No entanto, sua arqueologia careceu de estudos aprofundados. Na verdade, se houver, é provável que poucos trabalhos tenham sido tão desconsiderados por tanto tempo.

A obra considera as informações disponíveis sobre Nazaré no primeiro século da Era Cristã, fundamentando-se em fontes escritas e na arqueologia, excetuando-se o que diz respeito ao sítio das Irmãs de Nazaré. Outro aspecto relevante para a discussão sobre um sítio arqueológico são as características de seu ambiente natural, tanto no passado quanto no presente. Esse tema também será explorado neste livro (Dark, 2025, p. 42-43).

Ken Dark menciona que, na véspera de Natal de 1881, as irmãs de Nazaré adquiriram o atual local do convento, e uma das primeiras ações que tomaram, após a celebração do Natal, supomos, foi reformar uma cisterna subterrânea, um reservatório de água. Como muitas outras em Nazaré, essa estrutura era escavada no calcário natural e foi utilizada durante o século XIX pelas casas que ocupavam a terra antes da compra pelas freiras.

O autor relata em seu livro que as irmãs contrataram um trabalhador local para realizar o serviço, e, ao escavar para acessar a cisterna, descobriram uma coluna de granito quase intacta, com mais de três metros de comprimento. Era evidentemente um vestígio de alguma grandiosa construção antiga – bem distinta das casas do sítio. A coluna despertou o interesse da superiora do convento, Madre Marie Giraud (1840-1900), que registrou o achado em seu diário (Dark, 2025, p.79). A obra menciona Henri Senès, nascido em 1897 em Marselha, na costa mediterrânea francesa, que, após se formar arquiteto e atuar na área, decidiu ingressar na Companhia de Jesus em 1925, sendo ordenado padre em 1933.

No livro de Dark, é destacado que a fundação do Pontifício Instituto Bíblico (PBI) de Jerusalém, em 1927, com o jesuíta francês Alexis Mallon como seu diretor, teve um impacto significativo na carreira de Senès. Embora fosse um linguista por formação, Mallon mostrou-se interessado nas possibilidades da arqueologia para o estudo bíblico, particularmente do Antigo Testamento.

A obra menciona um famoso sítio pré-histórico, Teleilat el-Ghassul (comumente chamado apenas de Ghassul), na Terra Santa, onde, entre 1929 e sua morte, em 1934, Senès codirigiu as escavações em parceria com o colega jesuíta Robert Koeppel e o historiador francês René, conduzindo também explorações arqueológicas (Dark, 2025, p.109).

O livro revela que, ainda na transição para o século XXI, o sítio das Irmãs de Nazaré permanecia, em grande medida, esquecido pelos arqueólogos. As raras menções que recebia eram apenas em guias turísticos, e mesmo estas eram breves e desestimulantes. Foi uma dessas referências que levou Dark a visitá-lo pela primeira vez, como detalhado no primeiro capítulo da obra. Quando algum arqueólogo eventualmente se referia às Irmãs de Nazaré, era sempre através da interpretação de Bagatti.

Ken Dark menciona que, em 2006, deparou-se com um sítio que nunca havia sido examinado com a devida atenção, quanto mais descrito em publicações por arqueólogos renomados. Aparentemente, os únicos que demonstravam algum interesse eram os pesquisadores bíblicos. Na década seguinte, até mesmo arqueólogos que conheciam bem a Galileia admitia não saber nada sobre aquele local. O autor afirma que a primeira tarefa deveria ser elaborar registros adequados de tudo o que existia no sítio, contando com as permissões da própria Ordem das Irmãs (Dark, 2025, p. 135).

A presente obra compila as evidências dos capítulos 1 ao 5 e busca responder a diversas indagações acerca de Nazaré, enquanto um espaço do século I.

Embora tais questionamentos não sejam elucidativos nas fontes escritas, as evidências arqueológicas oferecem uma quantidade surpreendente de informações sobre a cidade onde Jesus cresceu e atuou na juventude.

É razoável começar analisando o que os evangelhos dizem sobre Nazaré, cidade de Jesus. Nos relatos do autor, a descrição mais completa da cidade (apenas alguns parágrafos das traduções contemporâneas) encontra-se no Evangelho de Lucas. Na obra, são mencionadas referências a Lucas, que possuía algum conhecimento direto sobre Nazaré, um ponto que gera considerável debate entre pesquisadores. Embora se reconheça que ele relatava eventos que acreditava serem reais, alguns estudiosos argumentam que a composição de sua descrição de Nazaré foi influenciada pelo contexto cultural do Oriente Romano; outros sustentam que ele teve acesso a informações limitadas sobre a localidade.

O autor ainda menciona que existem, talvez, três pontos-chave a serem considerados na descrição de Nazaré feita por Lucas. O primeiro refere-se à linguagem e ao idioma em que o texto foi redigido: o grego. Lucas se refere a Nazaré várias vezes como uma expressão que é

frequentemente traduzida como “aldeia” ou mesmo “cidade”, mas aparentemente o uso dessa terminologia no texto não foi tão preciso.

Para Dark, em sua obra, a palavra polis significa literalmente aldeia ou cidade; os evangelhos a utilizam para descrever uma variedade de localidades, incluindo aquelas que são bem menores do que um grande centro urbano romano.

É importante notar que o termo é aplicado a lugares (como Cafarnaum, às margens do Mar da Galileia) que, em outras partes dos evangelhos, são referidos como “povoados” (κόμη, kóme em grego). Assim, o autor percebe que nem o termo polis nem o *kóme* estão sendo utilizados de forma precisa pelos escritores dos evangelhos. Historiadores do século XXI podem desejar que suas fontes sejam escritas em um grego “correto”, mas não há razão para supor que todos nas províncias romanas do primeiro século considerassem a precisão terminológica algo essencial.

O livro ainda destaca que até mesmo escritores mais formais daquela época utilizavam polis de maneira inconsistente. O autor menciona o famoso escritor judeu Flávio Josefo, por exemplo, que emprega o termo tanto para verdadeiras cidades quanto para assentamentos menores. Ptolomeu, em sua Geografia, utiliza poleis (no plural) para diversas localidades da Irlanda da Idade do Ferro, embora na ilha não houvesse efetivamente cidades durante aquele período.

Para o autor, podemos desconsiderar a crítica que classifica como indigna de confiança a descrição de Lucas, com base no uso que ele faz do termo 'polis'. Por outro lado, é impossível inferir qualquer coisa sobre dois outros pontos de interesse: os limites do conhecimento histórico e arqueológico, e em que medida as memórias e a oralidade podem ser transmitidas de geração em geração. O sítio das Irmãs de Nazaré teria sido realmente o local onde Jesus viveu?

Dark sugere que podemos começar propondo uma questão simples: temos certeza de que Jesus existiu como uma figura histórica, e não como um personagem fictício, como James Bond ou Superman? Como a maioria dos arqueólogos e historiadores profissionais que trabalharam na Terra Santa durante o século I, independentemente de suas crenças, minha resposta é afirmativa. Contudo, surge um outro dilema: dispomos de fontes escritas confiáveis? (Dark, 2025, p. 189).

Assim, o autor argumenta que cétricos autodeclarados, que duvidam da existência de Jesus (como os miticistas), costumam afirmar que não há evidência escrita sobre ele como uma figura histórica ou que esta é insuficiente. Tal argumentação, entretanto, demonstra uma falta de compreensão sobre alguns fatos cruciais a respeito de documentos escritos relativos a indivíduos nas províncias do Império Romano, especialmente na Galileia do século I.

O autor conclui que, entre os milhões de habitantes das províncias romanas nos primeiros séculos d.C., apenas alguns poucos são mencionados em fontes escritas. Aqueles que o são geralmente se inserem em contextos de serviços prestados ao Estado romano, como participação em guerras no exército ou na administração governamental. Não há motivo para acreditar que Jesus tenha se encaixado em qualquer uma dessas categorias.

REFERÊNCIAS

DARK, Ken. **Arqueologia de Nazaré nos tempos de Jesus**. São Paulo: Vozes, 2025.

Recebida em 08/09/2025

Aprovada para publicação em 25/10/2025